


Diálogos


ISSN 2177-2940



Luisa Carnés: a recuperação de uma voz feminina do início do século XX pela academia e pelas editoras.

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v26i1.62292>

Isabel Araújo Branco

 <https://orcid.org/0000-0003-2204-5501>

CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-06: Lisboa, PT

E-mail: ibranco@fcsh.unl.pt

Luisa Carnés: the recovery of a female voice from the early 20th century by the academy and editors.

Abstract: Luisa Carnés was one of the Spanish intellectuals who, like many others, had to go into exile after the Civil War and the victory of Franco's troops in 1939. Carnés had published several works in Spain, continuing to write in Mexico. However, her texts were forgotten even after the return of democracy in 1975. In the 21st century the academic and publishing universes rescue this important figure in Spanish literature, integrating her or at least bringing her closer to the *Nuevo Romanticismo* or *Generación del 27*, seeking to properly highlight it in contemporary culture. I approach this mediation process in this paper, analyzing the relevance today of Carnés' perspective on the condition of women.

Key words: Spanish literature; academia; Luisa Carnés; literature written by women; censorship. XX century. XXI century.

Luisa Carnés: la recuperación de una voz femenina de principios del siglo XX por parte de la academia y los editores.

Resumen: Luisa Carnés fue una de las intelectuales españolas que, al igual que otros, se exilió después de la Guerra Civil y de la victoria de las tropas de Franco en 1939. Carnés había publicado varias obras en España y sigue escribiendo en México. Sin embargo, sus textos fueron olvidados incluso después de la vuelta de la democracia en 1975. En el siglo XXI, la academia y las editoriales rescatan esta importante figura de la literatura española, integrándola o al menos acercándola al *Nuevo Romanticismo* o a la *Generación del 27*, buscando incluirla debidamente en la cultura contemporánea. Analizamos este proceso de mediación en este artículo, en particular la pertinencia hoy en día de la perspectiva de Carnés sobre la condición de la mujer.

Palabras clave: Literatura española; academia. Luisa Carnés; literatura escrita por mujeres; censura; siglo XX; siglo XXI.

Luisa Carnés: a recuperação de uma voz feminina do início do século XX pela academia e pelas editoras.

Resumo: Luisa Carnés foi uma das intelectuais espanholas que, tal como muitos outros, teve de se exilar depois da Guerra Civil e da vitória das tropas de Franco em 1939. Carnés tinha publicado várias obras em Espanha, continuando a escrever no México. No entanto, os seus textos foram esquecidos inclusive depois do regresso da democracia em 1975. No século XXI os universos académico e editorial resgatam esta importante figura da literatura espanhola, integrando-a ou pelo menos aproximando-a do *Nuevo Romanticismo* ou da *Generación del 27*, procurando inclui-la devidamente na cultura contemporânea. Abordamos este processo de mediação neste artigo, analisando a relevância nos dias de hoje da perspectiva de Carnés sobre a condição da mulher.

Palavras-chave: Literatura espanhola; academia; Luisa Carnés; literatura escrita por mulheres; censura; século XX; século XXI.

Recebido em: 28/01/2022
Aprovado em: 18/03/2022

Início este artigo com uma espécie de *mise en abyme*, referindo uma comunicação apresentada em Setembro de 2019 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na 41.º ACIS Conference, por Purificació Mascarell, investigadora e docente da Universitat de València, com o título “Ampliando el canon hispánico moderno con mirada feminista. Análisis de la recuperación contemporánea de las mujeres de la Generación del 27”. Dizia Mascarell que é fundamental integrar no cânone da literatura espanhola um conjunto de escritoras (em grande número, aliás) que produziram textos tão importantes como o dos seus congéneres masculinos do *Nuevo Romanticismo* ou da *Generación del 27*:

El estudio de estas mujeres pone en cuestión el canon español moderno y el término “Generación del 27” tal como se había estudiado y difundido hasta el momento, con la consideración central y emblemática de las figuras masculinas de dicha Generación. [...] Muchas de estas mujeres eran esposas o compañeras o amigas de los hombres clave de la Edad de Plata. [...] en los manuales han sido presentadas siempre como meras compañeras de los protagonistas del festín literario: eran las que viajaban con ellos, les acompañaban a los encuentros culturales, a las tertulias, eran las que ayudaban en la editorial o corregían las pruebas de imprenta, las que aportaban apoyo moral e intelectual a la actividad creativa de “ellos”...

Hasta el presente nunca se las había visto de manera autónoma como novelistas, poetas, pintoras, escultoras, compositoras, intelectuales, editoras, dramaturgas, activistas, políticas, gestoras culturales, pedagogas... Pese a poseer obra propia y haber publicado y recibido atención crítica durante los años de la República, el compromiso político de la mayoría de ellas las llevó al exilio y al olvido durante el franquismo. [...] Solo en el siglo XXI han vuelto a tenerse en cuenta... (MASCARELL, 2019)

Entre estas escritoras esquecidas e recentemente recuperadas junto de um público geral está Luisa Carnés¹, embora numa posição particular, porque não frequentava os círculos intelectuais, obrigada a cumprir os horários estritos e exigentes das profissões que foi exercendo: Carnés trabalhou numa chapeleira e numa cafeteria, mas também foi dactilógrafa no grupo editorial

1 A questão do enquadramento da obra de Carnés na História literária não é ainda consensual. Alguns críticos associam-na à “Generación del 27”, como é o caso de Nuria Azancot, Marta Sanz, Inés Martín Rodrigo, Carmen Morán Breña e Antonio Plaza Plaza. Contudo, dadas as especificidades da obra de Carnés será mais adequado enquadrá-la no “Nuevo Romanticismo”. Recuperemos o artigo “El compromiso de la literatura: la narrativa de los escritores de la Generación del Nuevo Romanticismo (1926-1936)”, de María Francisca Vilches de Frutos, em que a crítica aborda esta corrente paralela à “Generación del 27”, o “Nuevo Romanticismo”, “que alcanza un éxito extraordinario en su época y que sin embargo hasta hace poco tiempo ha sido relegada en la mayor parte de las historias de la literatura española, cuando no juzgada negativamente” (VILCHES DE FRUTOS, 1982, p. 31). A especialista indica como causas deste silenciamento durante a ditadura, por um lado, os temas e perspectivas ideológicas destas obras literárias e, por outro, a alteração dos gostos artísticos. Apresentada pela primeira vez por Gil Casado, a designação “Nuevo Romanticismo” acolhe características de textos marcados pela valorização dos sentimentos, reconhecimento da universalidade do amor, uma visão política da vida e reconhecimento das lutas ideológicas nas mudanças sociais. Como indica Vilches de Frutos, este autores analisam os problemas sociais e culturais dos contextos em que se inserem, procurando “reflexionar sobre el alcance de todas las transformaciones acaecidas, con el propósito de estimular la acción de todos los hombres que sienten la gravedad de los acontecimientos” (VILCHES DE FRUTOS, 1982, p. 34). Nesse sentido, apresenta precisamente o exemplo, entre outros, da novela *Tea Rooms. Mujeres obreras*, de Luisa Carnés.

Compañía Iberoamericana de Publicaciones (CIAP) e jornalista em diversas publicações. Carnés fez parte da onda de espanhóis que teve de se exilar após a Guerra Civil e a vitória das tropas de Franco sobre o governo eleito, em 1939. A escritora tinha publicado várias obras em Espanha, continuando a escrever posteriormente no México. Indica Iliana Olmedo que, antes da guerra, “Luisa Carnés se hallaba lejos de ser una autora desconocida, de hecho, se incluía dentro de un grupo femenino emergente, una minoría pujante y nada desdeñable” (OLMEDO, 2014, p. 14). Contudo, os seus textos caíram no esquecimento, inclusive após o restabelecimento da democracia, em 1975. Depois de alguns estudos nos últimos anos do século XX que se manteve distante do grande público, é no século XXI que os mundos editorial, académico e jornalístico resgatam esta importante figura da literatura espanhola junto de uma camada alargada de leitores. A comunicação apresentada por Purificació Mascarell em 2019 é um inequívoco exemplo disso. Abordaremos este processo neste artigo, analisando a relevância nos dias de hoje da perspectiva de Carnés sobre a condição da mulher. Para isso, recorreremos à teoria dos polissistemas, ao conceito de “subalterno” e a considerações de Edward W. Said em *Culture and Imperialism*, além de artigos e outros textos de escritores, críticos, jornalistas e académicos contemporâneos.

Polissistemas e instituições

A teoria dos polissistemas é conhecida pela sua representação do polissistema como um sistema múltiplo e aberto, composto por vários sistemas e várias redes de relações, numa multiplicidade de intersecções e estrutura complexa. No seu seio, existem hierarquias, com relações centro-periferia ou estratificação dinâmica. O centro do polissistema é identificado com o sistema canonizado com mais prestígio. O grupo que governa o polissistema determina a canonização dos repertórios. Quando a canonização é determinada, esse grupo adere às propriedades canonizadas (conferindo-lhes controlo sobre o polissistema) ou altera o repertório das propriedades canonizadas de forma a manter o controlo. No caso do polissistema “literatura espanhola”, o poder político e económico que venceu a Guerra Civil impôs no centro autores e obras na linha das suas convicções e interesses, afastando e procurando silenciar todos os restantes, especialmente aqueles que se posicionavam no polo oposto. Indica Fernando Larraz em “Censura, exílio y canon literario”:

Mientras que la censura y el exilio significan movimientos que provocan la exclusión y marginación de determinados autores y textos –tachadura, proscripción, ostracismo, anonadamiento, silenciamiento... estás en sus campos semánticos–, el canon supone una voluntad de integración, de acercamiento a un centro; de encumbramiento, reconocimiento y visibilidad. (LARRAZ, 2017, p. 50-51)

Larraz salienta que a censura é um dispositivo de vigilância e controlo, que, no caso do

franquismo, apresenta pelo menos dois objectivos: prevenir a divulgação de ideias políticas, sociais e morais que não estejam em harmonia com as pessoas e instituições (incluindo o exército e a Igreja) que apoiam o regime; e permitir a escrita de uma determinada historiografia literária que não inclua determinados autores, entre eles os exilados: “De cara al presente, se trata de preservar la ortodoxia de los mensajes difundidos públicamente a través del discurso literario; de cara al futuro, transformar el concepto de literatura, negando y desechando aquellos productos y productores que no la identifican.” (LARRAZ, 2017, p. 53)

Contudo, a teoria dos polissistemas reconhece que, se estes procedimentos não forem bem-sucedidos, o grupo e o seu repertório canonizados são pressionados por outro grupo para se afastarem. É o que acontece com a recuperação, durante a Transição, de escritores ligados ao *Nuevo Romanticismo*, à *Generación del 27*, à II República e ao exílio e, nos últimos anos, de escritoras também relacionadas com esses movimentos e contextos. Trata-se da evolução do sistema, que Itamar Even-Zohar explica ser determinada pela luta dentro do sistema entre as opções primárias e secundárias e entre as camadas altas e baixas. E, assim, autores periféricos vão progressivamente aproximando-se do centro ou, pelo menos, afastando-se um pouco das margens. Escrevendo especificamente sobre Luisa Carné, Iliana Olmedo sublinha que o estudo da sua obra “pone en crisis la validez del canon, entendido como eje constructor de la historia de la literatura” (OLMEDO, 2014, p. 18) e propõe-se a recuperar a autora “proponiéndola como un catalizador de la transformación de la arquitectura canónica de la literatura.” (OLMEDO, 2014, p. 18)

Um dos elementos mais importantes reconhecido pela teoria dos polissistemas é a “instituição”. No caso que tratamos, encontramos várias instituições envolvidas, começando pela academia, principalmente nas pessoas de Antonio Plaza Plaza, autor de diversos estudos sobre Carnés (artigos, conferências, livros, etc.) e compilador de *Cuentos completos*, e da citada Iliana Olmedo (nomeadamente com a sua tese de doutoramento *Compromiso, memoria y exilio. La narrativa de Luisa Carnés (1926-1934)*, defendida em 2009 na Universidad Autonoma de Barcelona, e *Itinerarios del exilio. La obra narrativa de Luisa Carnés*, publicada em 2014 pela Editorial Renacimiento, na importantíssima colecção “Biblioteca del exilio”). Temos outros académicos envolvidos no estudo de Carnés, como María Francisca Vilches de Frutos, Fulgencio Castañar, Susana Cavallo, Cristina Somolinos Molina, Sabela Pena García, Natalia Calviño Tur, Ángela Martínez Fernández e David Becerra Mayor, entre outros. Naturalmente, os estudos sobre Carnés inserem-se numa investigação mais ampla sobre as intelectuais dos anos 1920 e 1930, associadas ou não à Residencia de Señoritas e ao Lyceum Club de Madrid (como Carmen Conde, Concha Méndez, Ernestina de Champourcin, Josefina de la Torre, María Teresa León, Maruja Mallo e Rosa Chacel), realizados por investigadores como Shirley Mangini, Nuria Capdevila-

Argüelles, mas também através de projectos mais extensos como “La otra Edad de Plata”, coordenado por Dolores Romero López (Universidad Complutense de Madrid) ou o Grupo de Estudios del Exilio Literario (GEXEL) da Universitat Autònoma de Barcelona.

Outra instituição envolvida neste processo corresponde ao universo editorial. Podemos certamente estabelecer uma ponte entre a universidade e as editoras, tendo em conta que foi o referido Becerra Mayor, docente na Université Catholique de Louvain (Bélgica), que deu a conhecer Luisa Carnés a um dos seus editores do século XXI, Daniel Álvarez Prendes. Refiro-me à editora que reeditou o título de Carnés com mais impacto, *Tea Rooms. Mujeres obreras*² (2016), a que juntou *Trece cuentos* (2017). Trata-se da Hoja de Lata, uma empresa pequena e recente, com origem na crise económica: o livreiro Daniel Álvarez Prendes decidiu fundar esta casa editorial quando ficou sem emprego, aliás um contexto genérico que se pode relacionar com temas de alguns livros de Carnés. A primeira recuperação da escritora acontece através da editora Renacimiento, com a publicação de *El eslabón perdido* (2002). Mais recentemente dá à estampa *De Barcelona a la Bretaña francesa. Memorias* (2017), *Cuentos completos* (dois volumes, 2018) e *Natacha* (2019)³. *Cuentos completos* constitui, sem dúvida, um marco fundamental.

Devemos ainda referir outras instituições importantes neste processo, como o Ayuntamiento de Madrid e o seu projecto “Plan Memoria de Madrid”. Criado em 1990, tem entre os seus objectivos a colocação de placas comemorativas em edifícios para recordar factos e personagens históricas. No início de 2017, tinham sido colocadas 367 placas, mas, destas, apenas 32 se relacionavam com figuras femininas e a maioria eram religiosas ou nobres. O município anunciou então a colocação de novas placas dedicadas às escritoras da *Generación del 27*: Lyceum Club Femenino, María Lejárraga, Ernestina de Champourcin, Maruja Mallo, Victoria Kent, Margarita Nelken e Luisa Carnés. Temos assim um reconhecimento do aparelho político da capital, impulsionando a divulgação destas autoras. “Vamos a rendir homenaje a las mujeres que cambiaron la historia de la ciudad” (KAYSER, 7 de Março de 2017), afirmava então ao jornal *El País* Celia Mayer, vereadora da Cultura e Desporto.

Instituição com grande impacto é a imprensa periódica e a crítica literária, com notícias sobre a publicação de Carnés, como “Luisa Carnés cuenta los brioches”, da escritora e crítica Marta Sanz (*El País*, 29 de Setembro de 2016); “Luisa Carnés, la escritora que no salía en la fotografía de la Generación del 27”, citada, aliás, na badana publicitária de *Trece cuentos*; “La edición de todos sus cuentos salda otra deuda con Luisa Carnés”, de Carmen Morán Breña (*El País*, 26 de Abril de

2 O livro tinha já sido reeditado em 2014 pela Asociación de Libreros de Lance.

3 Falando de escritoras associadas à II República, existem outras editoras que reeditaram títulos da sua autoria, como Cuadernos del Vigía, Editorial Comba, Ediciones Torremozas, Renacimiento, Espuela de Plata e Publicaciones de la Residencia de Estudiantes, entre outras.

2018); ou “España en su corazón”, da escritora e crítica Elvira Lindo (*El País*, 3 de Junho de 2018)⁴.

Também nos *media* devemos destacar o projecto que mais contribuiu para divulgar as autoras da II República entre o público geral, o projecto “Las Sinsombrero”, que incluiu um programa de televisão, uma página de internet e dois livros. O primeiro volume, de autoria de Tània Balló, alcançou em três anos a nona edição (de 2016 a 2018) e em 2019 foi editado como livro de bolso. O segundo volume foi lançado em 2018. O subtítulo do primeiro volume faz eco das palavras de Purificació Mascarell: *Sin ellas, la historia no está completa*. Balló inicia a apresentação do projecto, do livro e, por conseguinte, das próprias mulheres precisamente pelo silenciamento a que foram condenadas pela censura franquista:

Durante los cuarenta años de dictadura que siguieron a la Guerra Civil, gran parte de los ilustres nombres de aquellos jóvenes intelectuales y artistas que protagonizaron ese boom de libertad y creatividad, que culminó con la proclamación de la Segunda República (1931-1939), fueron silenciados. (BALLÓ, 2018, p. 17)

Trata-se, portanto, de uma questão fundamental. É o ponto de partida de um novo início para estas artistas, quase cem anos depois do seu aparecimento, numa tentativa de reconstrução da memória colectiva espanhola. Como comenta Balló, com a recuperação da democracia abria-se a possibilidade de “transformar, por fin, el imaginario colectivo e iconográfico sobre la victoria [...]”. Pero la historia en esa España de la Transición [...] solo se reescribió en masculino” (Balló, 2018, p. 18). As mulheres praticamente não foram incluídas em antologias, estudos, biografias e memórias, permanecendo no esquecimento. É, pois, também uma questão historiográfica: quem escreve a História, que versões e que protagonistas apresenta, que posição política e social tem por trás, etc. Impor uma determinada memória é também permitir a existência de determinados actores, e não de outros. Pablo Sánchez León, em “Esa tranquilidad terrible”: la identidad del perpetrador en el ‘giro’ victimario. Memoria y narración”, aborda as acções de intelectuais fascistas na “maquinaria que produjo crímenes contra la humanidad” (Sánchez León 2018, 181) e que «en general se han obstinado en mantener a los ciudadanos atrapados en una película de amnesia instituida» (SÁNCHEZ LEÓN, 2018, p. 181). Por seu lado, María Carmen África Vidal Claramonte sublinha que “la historia estará tanto más completa cuantas más voces se hayan incorporado a su construcción” (VIDAL CLARAMONTE, 2018, p. 70). Na linha de conceitos e teorias como a nova historiografia crítica e o “translation turn” (de Bachmann-Medick), Vidal Claramonte defende que a História deve ser continuamente reescrita, integrando cada vez mais pontos de vista, numa

4 A página de internet da editora Hoja de Lata inclui hiperligações para mais de setenta artigos de jornal que fazem referência ao livro.

construção permanente e o mais plural possível, integrando os agentes silenciados nas várias versões anteriores, em particular as classes trabalhadoras, as mulheres, as minorias e os derrotados de conflitos políticos e/ou bélicos. O poder político e económico implica também o poder de contar e o poder de registar uma versão do passado (apresentada como a única e a “verdadeira”) que permita cimentar a estrutura social mais conveniente, esboçando simultaneamente um futuro de acordo com os seus interesses específicos.

Entre as instituições “apagadas” pela historiografia franquista e destacadas por Tània Balló encontra-se o Lyceum Club Feminino, espaço construído por um importante conjunto de intelectuais e artistas espanholas em 1926 com o propósito de aumentar o nível cultural das mulheres. As suas actividades tiveram uma relevância ímpar, como recorda a escritora María Teresa León em *Memoria de la melancolia*:

Ya había nacido la Residencia de Señoritas [...]. Pero las mujeres no encontraron un centro de unión hasta que apareció el Lyceum Club. [...] el Lyceum Club se fue convirtiendo en el hueso difícil de roer de la independencia femenina. Se dieron conferencias famosas. [...] Eran los tiempos en que por las calles madrileñas corría la subversión y la burla. La caprichosa monarquía de entonces sostenía a su dictador jacarandoso [Primo de Rivera] para cerrar el paso a algo que se avecinaba. El Lyceum Club no era una reunión de mujeres de abanico y baile. Se había propuesto adelantar el reloj de España. (LEÓN, 2020, p. 419-420)

Tània Balló destaca que este espaço foi ocupado pela Falange em 1939: “Fue tal el ánimo de borrar su labor y su memoria que la mayor parte de la documentación del centro terminó destruída” (BALLÓ, 2018, p. 31-32). Esta acção falangista deve ser entendida, portanto, como uma tentativa de controlar a informação para projectar uma determinada versão da História e controlar o presente e o futuro.

Dinamismo e a condição da mulher

Atentemos na relação entre períodos históricos. Escreve Edward W. Said, em *Culture and Imperialism*: «even as we must fully comprehend the pastness of the past, there is no just way in which the past can be quarantined from the present. Past and present inform each other, each implies the other and [...] each co-exists with the other» (SAID, 1994, p. 2). O presente resulta do passado, por isso é fundamental conhecê-lo. Por isso, as escritoras, intelectuais, activistas e mulheres anónimas da Espanha de hoje sentem necessidade de ter referências noutras gerações, recuperando zonas vazias, como as autoras da “Edad de Plata” ou “Nuevo Romanticismo”. Explicava Purificació Mascarell, na sua comunicação na 41.ª ACIS Conference, que estas escritoras interessam hoje, por um lado, pela “necesidad de referentes para las nuevas generaciones feministas

en España, tras la ola morada de los últimos 8-M” (MASCARELL, 2019); por outro, pela “necesidad de referentes para las autoras y las artistas contemporáneas, que bucean en la historia para encontrar una genealogía con la que propulsarse hacia delante, una genealogía que nos ha sido negada durante demasiado tiempo” (MASCARELL, 2019).

A teoria dos polissistemas explica esta situação mediante a “lei do dinamismo”, considerando que é uma condição necessária para a funcionalidade de um polissistema e que, dando resposta a necessidades concretas, um sistema procura recorrer a um crescente inventário de opções alternativas. Ou seja, a referida busca de genealogia por parte de activistas e escritoras dos nossos dias. Outro aspecto referido na referida teorização corresponde às condições do mercado, fulcrais no êxito de um novo repertório. E as condições do mercado espanhol nos nossos dias são favoráveis a estas recuperações, com um público interessado em obras como as das “Sinsombrero” e a de Carnés.

Marta Sanz escrevia no citado artigo sobre *Tea Rooms. Mujeres obreras*, publicado em 2016, que Carnés é uma das mais importantes narradoras da *Generación del 27*, uma “voz imprescindible de la novela social de la preguerra” (SANZ, 2016). Elogiando a novela do ponto de vista político e literário, esboça ligações com o presente. Por exemplo, refere que Carnés não faz a apologia da pobreza e da origem humilde e comenta: “De esa lección deberíamos aprender los escritores de la crisis, que a veces transformamos la lacra social en eslogan.” (SANZ, 2016) No final, cita a frase final de *Tea Rooms* (“¿Cuándo será oída su voz?”) para concluir: “Carnés se refiere a la emancipación proletaria. Los lectores sospechamos que, habida cuenta de los últimos acontecimientos nacionales e internacionales, nunca hemos dejado de estar sordos.” (SANZ, 2016)

Que temas encontramos, então, na narrativa de Luisa Carnés? Entre outros, a condição feminina, o assédio sexual no local de trabalho, os baixos salários, os horários extensos, a dificuldade no transporte entre casa e emprego, os vínculos precários e a insegurança laboral, a relação com os filhos e a prisão física e intelectual que a maternidade representa, o acesso à educação, o aborto e a prostituição. Mas também os preconceitos e as mentalidades machistas reinantes. Antonio Plaza Plaza, no posfácio a *Tea Rooms. Mujeres obreras*, resume que Carnés aborda a situação da maioria das mulheres trabalhadoras:

Están obligadas a compaginar su atención al hogar y el cuidado de sus hijos com una actividade profesional externa, que les condena, por su baja cualificación, a estar sometidas a unas duras condiciones laborales, muy por debajo de las del hombre. Una situación que las derivam en la mayoría de los casos, a trabajos precarios y mal pagados. (PLAZA PLAZA, 2019, p. 222)

É muito fácil qualquer mulher das classes baixa e média dos nossos dias se rever nesta

descrição e, portanto, se identificar com as personagens do livro. Daí certamente o êxito comercial da novela: entre 2016 e 2019 foram impressas nove edições de *Tea Rooms*. O editor da Hoja de Lata, Daniel Álvarez Prendes, comentava em 2017 ao *ABC*: “Muchas de las personas que nos hacen llegar comentarios son chicas jóvenes, “sinsombreros” del siglo XXI.” (MARTÍN RODRIGO, 2017b) As estatísticas mostram que as mulheres espanholas recebem menos 15 por cento do salário que um homem auferia no mesmo posto de trabalho, que apenas uma em cada quatro mulheres partilha as tarefas domésticas, que a taxa de desemprego e de desemprego de longa duração afecta mais o sexo feminino. Mas as próprias universidades espanholas (e europeias, em geral) são marcadas pela forte instabilidade nos vínculos laborais, pelo excesso de trabalho e pela baixa remuneração. Este elemento será certamente mais uma explicação para a recuperação de Carnés e de outras escritoras da época pela academia do século XXI, sofrendo na pele estes problemas, num país igualmente tingido por fortíssimas manifestações e greves nas comemorações da última década do Dia Internacional da Mulher Trabalhadora.

Todavia, não se tratará apenas disto. Como afirma Cristina Somolinos Molina na sua tese de doutoramento “Mujer, trabajo y escritura. Representaciones culturales en la narrativa española contemporánea” (defendida em 2020 na Universidad de Alcalá, em Espanha), há questões específicas na obra de Carnés que a destacam aos olhos dos leitores, tanto os seus contemporâneos como os actuais. Sobretudo porque apresenta uma perspectiva a partir de dentro da própria classe trabalhadora (assinalando também as dificuldades da organização colectiva), e não a visão mais habitual do intelectual em relação aos desfavorecidos. Tal está em estreita ligação com outro aspecto fundamental: se, no início do século XX, para a mulher da classe média, um emprego remunerado implicava uma posição mais emancipada em relação ao seu contexto familiar e social, para as classes operárias o trabalho feminino representava a continuação da pobreza, da exploração e da submissão, devido aos baixos salários (e mais baixos do que os pagos aos homens), à posição subalterna na hierarquia do universo laboral e à exposição de perseguições masculinas permanentes. Assim, Carnés amplia a questão e tem como alvo o próprio sistema, mostrando que está em jogo a estrutural social e económica. Em resumo, a autora “pone en cuestión las contradicciones intrínsecas al trabajo femenino en la época [...]. Con este análisis, Carnés adelanta los planteamientos del feminismo de segunda ola que puso de manifiesto la doble explotación de las mujeres (dentro del hogar y fuera de él).” (SOMOLINOS MOLINA, 2020, p. 99)

Edward D. Said defende que os escritores não são determinados mecanicamente pela ideologia, classe ou história económica, mas fazem parte da história das suas sociedades, sendo resultado destas, mas também as formando e definindo: “shaping and shaped by the history and their social experience in diferente mesure. Culture and the aesthetic forms it contains derive from

historical experience.” (SAID, 1994, p. XXIV) Belén Gopegui, outra escritora espanhola nossa contemporânea, no artigo “Tres condiciones necesarias, aunque no suficientes, para una literaturas de izquierdas”, sublinha que os escritores têm essa capacidade de intervir socialmente, não apenas pelo que contam, mas igualmente, através dos seus textos, pelas narrativas que impedem que se formem:

Es decir, tener presente que el trabajo literario de los autores no sucede en un espacio infinito, donde todo cabe, donde unas narraciones no desplazan a otras sino que todas se despliegan en igualdad de condiciones sobre el llamado campo literario que en los manuales hegemónicos suele recordar a una inmensa llanura. [...] las historias no sólo importan por lo que cuenta, sino también por lo que desplazan; [...] historias que suenan distinto, historias que [...] atenúan el fragor de la ideología dominante [...]. (GOPEGUI, 2011, p. 281)

A voz da “subalterna”

Recuperemos agora o conceito de “subalterno”, definido por Ranajit Guha como o atributo geral de subordinação, em termos de classe, idade, sexo, profissão, etc. Esclarece John Beverley que tal inclui “la distinción entre educado o no (o parcialmente) educado que el aprendizaje en la academia o el saber profesional confiere” (BEVERLEY, 2004, p. 54). Luisa Carnés não tinha uma formação académica nem fazia parte do meio intelectual da época. Além disso, é mulher e de classe baixa, sendo obrigada a trabalhar desde muito nova. Contudo, como David Becerra Mayor salienta, a escritora “encarna la voz de un sujeto subalterno que toma la palabra para contar su propia historia y la historia de su clase” (MARTÍN RODRIGO, 2017a). Por outras palavras, temos a própria subalterna a falar, e não outro por ela. Tal vai ao encontro da visão de Gayatri Spivak, que defende que o subalterno não pode falar de uma forma que reflecta autoridade ou sentido sem alterar as relações de poder/saber que o constituem como subalterno. Carnés procura fazê-lo – e consegue. Afirma Becerra Mayor:

[...] ella no cuenta, desde su posición privilegiada, la vida de las clases subalternas, no se dedica a dar voz a los que no tienen voz; ella misma representa al sujeto subalterno que precisamente porque le han negado la posibilidad de expresarse, porque le han robado la palabra, ha decidido ella misma tomar la palabra para contar su propia historia y la de su clase. Tal vez por eso su olvido ha sido incluso mayor que el que sufrieron las otras mujeres de la (mal) llamada Generación del 27: su discurso era doblemente transgresor, subvertía desde la clase y desde el género. (MARTÍN RODRIGO, 2017a)

Escreve Edward W. Said: “[...] ‘they’ were not like ‘us’, and for that reason deserved to be ruled.” (SAID, 1994, p. XII) Esta consideração em relação ao sistema colonial e à literatura ao seu serviço é aplicável a muitas outras relações de poder, entre quem o detém e exerce e quem é

subjugado por ele, nomeadamente em termos de classes sociais e sexo. Luisa Carnés expressa em grande parte das suas obras a vida e a voz dos dominados, em particular um grupo pelo menos duplamente dominado: as mulheres pobres das classes trabalhadoras da Espanha do início do século XX. Talvez devamos acrescentar pelo menos mais um aspecto ao “dominado”, transformando-o em “triplo”: frequentemente são mulheres jovens, o que as torna, aos olhos de uma sociedade machista e paternalista, ainda mais “diminuídas”, sem sequer uma possível autoridade vinda da “experiência”. Triplamente dominadas, triplamente submetidas, porque não são reconhecidas na sua plenitude enquanto seres humanos pela sociedade em que se inserem – o mesmo é dizer, por homens mas também por mulheres, tantas vezes igualmente machistas. Triplamente dominadas na Espanha quotidiana da II República, mas num contexto de progresso social e de tentativa de alteração da legislação e das mentalidades, como, aliás, é representado nomeadamente em *Tea Rooms. Mujeres obreras* no desenvolvimento da consciência de classe de algumas personagens, na greve e nas manifestações.

Todas as obras de Carnés foram expulsas da história da literatura espanhola pelo regime fascista (o poder que domina o centro do polissistema e impõe o seu cânone) após a Guerra Civil. Do ponto de vista do franquismo e recuperando a concepção de Said, Carnés e outras mulheres e homens com o mesmo perfil merecem ser dominadas e aniquiladas porque são diferentes do “eu” vencedor, um “eu” retrógrado, conservador, classista, machista e racista com objectivos económicos, políticos e sociais muito claros: impor o poder das classes altas e submeter a estas todas as restantes, colocando-as ao seu serviço. No entanto, este silenciamento não é eterno. Por um lado, os escritores republicanos continuaram a ser lidos e publicados fora de Espanha peninsular (apesar das condições muito adversas que os sobreviventes enfrentaram, nomeadamente no exílio). Por outro, a partir de 1975 e da democratização do país, são recuperados vários destes nomes ostracizados, tanto com obras escritas antes de 1939, como com outras produzidas no exílio. Todavia, alguns nomes permanecem nas brumas. Lemos em “Escribir desde el exilio, escribir el exilio”, introdução de Fernando Larraz y Javier Sánchez Zapatero à antologia *Los restos del naufragio. Relatos del exilio republicano español*, publicada em 2016:

[...] se ha tendido a identificar la historia de la narrativa española con la historia de la narrativa española escrita o publicada sobre el suelo de la España peninsular, dejando a la producción exiliada como material complementario arrumbado al apéndice o a la nota erudita, como si su ubicación dentro del mapa de la literatura nacional resultara tan problemática que solo cupiera optar por una integración menor y parcial. Superada la dictadura, la persistencia del desconocimiento de la narrativa exiliada hoy se debe a la tendencia secular de la historia literaria hacia el nacionalismo que la hibridez del exilio cuestiona y también a ciertas inercias historiográficas iniciadas durante el franquismo que tendían a postergar, cuando no a silenciar, la obra

cultural escrita de los exiliados y que se perpetúan por la pereza de muchos investigadores y por la tendencia a repetir lugares comunes que quedan fosilizados. (LARRAZ, SÁNCHEZ ZAPATERO, 2016, p. 10)

Txetxu Aguado, em “Modelos emocionales de memoria: el pasado y la Transición”, considera que “la Transición española, a pesar de sus virtudes, no ha dado una respuesta satisfactoria a memorias que reclaman presencias, principalmente las republicanas y antifascistas” (AGUADO, 2011, p. 51), defendendo a necessidade de “articular paradigmas de memoria alternativos a los más conservadores de la Transición” (idem, p. 52).

Entre os autores e autoras nas “brumas” encontra-se, pois, Luisa Carnés, como vimos apenas recuperada em pleno século XXI. Se antes comentávamos que as personagens femininas de Carnés e as suas correspondentes reais na sociedade eram triplamente dominadas, podemos agora afirmar que a própria autora partilha essas características, a que se podem acrescentar outras. Marta Sanz apresenta mais dois elementos ao jornal *ABC*: a sua militância no PCE e o tipo de narrativa que escreve. Nas suas palavras:

una militancia comunista que durante mucho tiempo se ha considerado torticeramente incompatible con la posibilidad de tener un estilo o una “calidad” literaria, y el hecho de escribir ciertos textos muy arriesgados, genéricamente inclasificables, híbridos, como es el caso de la novela-reportaje *Tea Rooms*, cuajada, por otro lado, de fragmentos líricos. (MARTÍN RODRIGO, 2017)

Para John Beverley, os estudos subalternos devem ser também formas de intervir politicamente, a partir da perspectiva do subalterno (BEVERLEY, 2004, p. 56). É isso que os estudos académicos sobre Carnés fazem. Escreve Beverley:

Los estudios subalternos tratan [...] de cómo el saber que nosotros producimos e impartimos como académicos está estructurado por la ausencia, dificultad o imposibilidad de representación del subalterno. Esto es reconocer, sin embargo, la inadecuación fundamental de esse saber y de las instituciones que lo contienen y, por lo tanto, la necesidad de un cambio radical en dirección a un orden social más democrático e igualitario. (BEVERLEY, 2004, p. 70-71)

E foi também sobre isso que Purificació Mascarell falou, numa reflexão sobre a própria academia e a recuperação das escritoras do *Nuevo Romanticismo* ou *Generación del 27*:

[...] algo tiene que cambiar en la sociedad, en el sistema educativo de primaria, secundaria y bachillerato, en el sistema académico universitario y sus proyectos de investigación, en la crítica literaria y en la prensa, en todas las instituciones culturales (donde incluyo desde bibliotecas municipales hasta la Real Academia Española) [...]. (MASCARELL, 2019)

Iliana Olmedo salienta que nos dias de hoje o estudo de Carnés parte da sua quase completa invisibilidade na história da literatura: “Para entender esa ausencia, es necesario regresar al momento en que escribió y revisar los autores que la rodeaban. [...] Incorporar a Carnés a la historia de la literatura constituye un primer acercamiento a esta transformación.” (OLMEDO, 2014, p. 18-19) O processo parece sem dúvida estar em andamento.

Referências

- AGUADO, Txetxu. Modelos emocionales de memoria: el pasado y la Transición. In: ÁLVAREZ-BLANCO, Palmar, e DORCA, Toni (coord.). *Contornos de la narrativa española actual (2000-2010). Un diálogo entre creadores y críticos*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Vervuert, p. 45-53, 2011.
- AZANCOT, Nuria. 'Tea Rooms. Mujeres obreras', el mísero Madrid de los años 30. *El Español*, 7 Mar. 2022. Disponível em https://www.elespanol.com/el-cultural/letras/20220307/tea-rooms-mujeres-obreras-misero-madrid-anos/654684799_0.html. Acesso em: 9 Mar. 2022.
- BALLÓ, Tània. *Las sinsombrero. Sin ellas, la historia no está completa*. Barcelona: Espasa, 2018.
- BEVERLEY, John. *Subalternidad y representación: debates en teoría cultural*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2004.
- GOPEGUI, Belén. Tres condiciones necesarias, aunque no suficientes, para una literaturas de izquierdas. In: ÁLVAREZ-BLANCO, Palmar, e DORCA, Toni (coord.). *Contornos de la narrativa española actual (2000-2010). Un diálogo entre creadores y críticos*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Vervuert, 2011.
- GUHA, Ranajit. On Some Aspects of the Historiography of Colonial India. In: *Selected Subaltern Studies*. New York: Oxford University Press, p. 403, 1988.
- KAYSER, Belén. Homenaje a las mujeres olvidadas. *El País*, Madrid, 7 Mar. 2017. Disponível em: https://elpais.com/ccaa/2017/03/06/madrid/1488820157_741373.html. Acesso em: 21 Jan. 2022.
- LARRAZ, Fernando. Censura, exilio y canon literario. *Historia Actual Online*, n. 42, p. 49-56, 2017.
- LARRAZ, Fernando e SÁNCHEZ ZAPATERO, Javier. Escribir desde el exilio, escribir el exilio. In: VV. AA. *Los restos del naufragio. Relatos del exilio republicano español*. Madrid: Editorial Salto de Página, 2016.
- LEÓN, Maria Teresa. *Memoria de la melancolia*. Sevilla: Renacimiento, 2020.
- MARTÍN RODRIGO, Inés. Luisa Carnés ha sido triplemente olvidada: por comunista, por exiliada y por mujer. *ABC*, Madrid, 14 Jun. 2017. Disponível em: <https://www.abc.es/cultura/libros/abci->

BRANCO, Isabel Araújo. Luisa Carnés: a recuperação de uma voz feminina do início do século XX pela academia e pelas editoras.

[luisa-carnes-escritora-no-salia-fotografia-generacion-27-201706110104_noticia.html](https://www.abc.es/cultura/libros/abci-luisa-carnes-escritora-no-salia-fotografia-generacion-27-201706110104_noticia.html). Acesso em: 6 Jan. 2022.

MARTÍN RODRIGO, Inés. Luisa Carnés, la escritora que no salía en la fotografía de la Generación del 27. *ABC*, Madrid, 14 Jun. 2017. Disponível em: <https://www.abc.es/cultura/libros/abci-luisa-carnes-escritora-no-salia->. Acesso em: 6 Jan. 2021.

MASCARELL, Purificació. Ampliando el canon hispánico moderno con mirada feminista. Análisis de la recuperación contemporánea de las mujeres de la Generación del 27. *Comunicação (41.º ACIS Conference)* – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

MORÁN BREÑA, Carmen. La edición de todos sus cuentos salda otra deuda con Luisa Carnés. *El País*, Madrid, 26 Abr. 2018. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2018/04/25/actualidad/1524676433_108760.html. Acesso em: 6 Jan. 2021.

OLMEDO, Iliana. *Itinerarios de exilio. La obra narrativa de Luisa Carnés*. Sevilla: Renacimiento, 2014.

PLAZA PLAZA, Antonio. A propósito de la narrativa del 27. Luisa Carnés; revisión de una escritora postergada. In: CARNÉS, Luisa. *Tea Rooms. Mujeres obreras*. Xixón: Hoja de Lata, 2019. p. 207-250.

SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. London: Vintage Books, 1994.

SÁNCHEZ LEÓN, Pablo. “Esa tranquilidad terrible”: la identidad del perpetrador en el ‘giro’ victimario. Memoria y narración. *Memoria y Narración. Revista de estudios sobre el pasado conflictivo de sociedades y culturas contemporáneas*, n. 1, p. 167-183, 2018.

SANZ, Marta. Luisa Carnés cuenta los brioches. *El País*, Madrid, 29 Set. 2016. Disponível em https://elpais.com/cultura/2016/09/23/babelia/1474641997_033382.html. Acesso em: 6 Jan. 2021.

SOMOLINOS MOLINA, Cristina. *Mujer, trabajo y escritura. Representaciones culturales en la narrativa española contemporánea*. 2020. Tese (Doutoramento em Estudos Lingüísticos, Literários y Teatrales). Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, 2020.

VIDAL CLARAMONTE, María Carmen África. *La traducción y la(s) historia(s): nuevas vías para la investigación*. Granada: Editorial Comares, 2018.

VILCHES DE FRUTOS, María Francisca. El compromiso de la literatura: la narrativa de los escritores de la Generación del Nuevo Romanticismo (1926-1936). *Anales de la Literatura Española Contemporánea*, n. 7, p. 31-58, 1982.